



GUERRAS

Entre a escuridão e a ameaça nuclear

Presidente Vladimir Putin sinaliza uso de míssil balístico capaz de transportar ogiva atômica contra “centros de tomadas de decisão”, em Kiev. Capital da Ucrânia sofre novo blecaute após ofensiva massiva com mísseis e drones da Rússia

» RODRIGO CRAVEIRO

A ameaça havia rondado o prédio do Verkhovna Rada (Conselho Supremo da Ucrânia), em 22 de novembro. “A informação chegou por meio de nossa inteligência. Havia um relato de que o prédio do parlamento poderia ser atingido por bombas da Rússia. Tivemos que cancelar a sessão legislativa naquele dia. Não aconteceu, mas pode ocorrer no futuro”, contou ao **Correio** a deputada ucraniana Alyona Shkrum.

Em Astana, capital do Cazaquistão, onde participou de reunião da Organização do Tratado de Segurança Coletiva, o presidente russo admitiu a possibilidade de atacar “centros decisórios” de Kiev com o míssil balístico hipersônico Oreshnik, capaz de transportar uma ogiva nuclear. “Não descartamos o uso do Oreshnik contra alvos militares, instalações militares-industriais ou centros de tomada de decisão, inclusive em Kiev”, declarou Vladimir Putin.

“Não posso dizer que estou com medo disso. Vimos tantas coisas em três anos de guerra que, em algum momento, a gente se cansa de sentir medo o tempo todo”, desabafou Shkrum. A preocupação imediata da parlamentar e dos 43,3 milhões de ucranianos é com os frequentes bombardeios contra a infraestrutura energética do país no início do inverno, que se estenderá até fevereiro. Ontem à noite, os termômetros de Kiev marcavam 1 grau Celsius. Na quinta-feira, a temperatura caiu para -5.

“Nesta quinta-feira, ficamos sem eletricidade por nove horas. Será um problema ainda maior quando o frio mais intenso chegar. Podemos ter até 15 graus Celsius negativos no inverno”, admitiu a deputada. O blecaute afetou mais de 1 milhão de ucranianos, depois de um massivo ataque aéreo, na noite de quarta-feira.

Para Shkrum, Putin acredita que privar os ucranianos de eletricidade e de aquecimento no inverno os forçará a pedir ao presidente Volodymyr Zelensky que faça um acordo com o Kremlin.

“Nós estamos cansados, mas ficamos cada vez mais irados com Putin para firmar qualquer acordo com ele. Você não concorda em pactuar com terroristas quando o bombardeiam, o matam e o fazem sofrer. Você só precisa prendê-los.”

Escalada

Volodymyr Zelensky, presidente da Ucrânia, acusou Putin de promover sua “prontidão para matar e destruir”, ao citar o míssil Oreshnik. “Putin quer escalar a situação agora para garantir que o presidente Donald Trump não consiga acabar com essa guerra”, denunciou, por meio da rede social X. “Putin é o único responsável por essa guerra e o único que acredita nela. Sua atual escalada é nada mais do que uma estratégia de exercer pressão, para forçar o presidente dos EUA a aceitar os termos da Rússia, mais tarde.”

Diretor da organização não governamental Eurasia Democracy Initiative (em Kiev), Peter Zalmayev lembrou ao **Correio** que Putin tinha feito a mesma ameaça nuclear antes da invasão à Ucrânia, na manhã de 24 de fevereiro de 2022. “Na ocasião, ele prometeu utilizar armas nunca antes vistas. Putin está muito preocupado com a possibilidade de a Ucrânia atacar seu território mais internamente, o que minaria os esforços militares russos. Não posso garantir que Putin não utilizará esse armamento; ele provou ser capaz de fazê-lo contra a cidade de Dnipro”, explicou. “Não sabemos quantos mísseis Oreshnik a Rússia produziu, nem conhecemos o potencial de nossas defesas aéreas de neutralizá-los.”

Segundo Olexiy Haran, professor de política da Universidade Nacional de Kyiv-Mohyla, as ameaças de Putin representam uma violação de todas as leis e tratados internacionais assinados por Moscou. “No *Memorando de Budapeste*, está claramente estabelecido que a Ucrânia não pode ser ameaçada por nenhuma força, inclusive

Roman Pilipey/AFP



Clientes comem em restaurante afetado pela falta de eletricidade, em Kiev: 1 milhão de ucranianos sem luz

AFP



“Angela, me perdoe”

Vladimir Putin disse que não sabia que a ex-líder alemã Angela Merkel tinha “medo de cachorro”, ao recordar um incidente em 2007. O chefe do Kremlin assustou a visitante, ao deixar o seu labrador entrar na sala durante uma reunião, em Sochi. Putin foi questionado por um repórter sobre o episódio, que Merkel descreveu nas suas memórias como uma “exibição de poder”. “Como disse a Merkel, não sabia que tinha medo de cachorros”, afirmou Putin. “Digo novamente a ela: Angela, me perdoe, não queria lhe causar desconforto.”

com o uso de armamentos nucleares, pois Kiev desistiu desse tipo de arma. O documento foi assinado, inclusive, pela Rússia”, afirmou à reportagem,

ao citar o texto que estabeleceu garantias de segurança para a Ucrânia, depois de a ex-república soviética aceitar o Tratado de Não Proliferação

Nuclear (TNP). “Além disso, seria o primeiro uso de arma nuclear desde a Segunda Guerra Mundial. Qual é a justificativa para isso?”, questionou Haran.

Mahmoud Zayat/AFP



Jovem tira Corão dos escombros de mesquita no sul do Líbano

Israel ataca o Hezbollah

As Forças de Defesa de Israel (IDF) anunciaram o bombardeio a uma instalação do Hezbollah no sul do Líbano, no dia seguinte ao início de um cessar-fogo com o movimento fundamentalista xiita, depois de 13 meses de confrontos na fronteira e dois de guerra aberta. O Exército libanês, que começou a enviar soldados e tanques para o sul, ainda que sem avançar por enquanto para áreas com presença israelense, acusou Israel de violar “várias vezes” o acordo.

Por sua vez, o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu ameaçou ordenar uma “guerra intensiva” contra o Hezbollah se o grupo islamista pró-Irã romper a trégua. Ele também prometeu fazer “tudo” o que estiver ao seu alcance para impedir que o Irã consiga uma arma nuclear.

Depois de a trégua entrar em vigor, na madrugada da última, quarta-feira, dezenas de milhares de libaneses retornaram para suas casas, que foram forçados a deixar por causa do conflito. O Exército israelense disse que “identificou atividade terrorista” em uma instalação utilizada pelos militantes do Hezbollah para armazenar foguetes de médio alcance no sul do Líbano e “frustrou a ameaça” com um ataque aéreo.

Os militares israelenses acrescentaram que suas forças “permaneceram no sul do Líbano e agiram para fazer cumprir” o cessar-fogo. Duas pessoas ficaram feridas por disparos israelenses na praça do vilarejo de Markaba, no sul do Líbano, de acordo com a agência de notícias libanesa NNA.

VENEZUELA

Lei prevê 35 anos de prisão a quem apoiar sanções

A chamada Lei Libertador Simón Bolívar contra o bloqueio e pela defesa da Venzu foi aprovada, pela Assembleia Nacional venezuelana, com o propósito de punir todos aqueles que promoverem ações desestabilizadoras contra o país. A legislação estabelece penas de 25 a 30 anos de prisão a todos aqueles que apoiarem as sanções internacionais contra a Venezuela, assim como inelegibilidade de 60 anos para os dirigentes que avaliarem essas medidas.

“Toda pessoa que promova, instigue, solicite, invoque, favoreça, facilite, apoie ou participe da adoção de medidas coercitivas (...) será sancionada com prisão de 25 a 30 anos”, afirma um dos artigos da lei, considerada uma iniciativa no Congresso dos

Estados Unidos para reforçar as sanções. O texto também estipula multas de mais de US\$ 1 milhão (cerca de R\$ 5,98 milhões).

Por telefone, Antonio Ledezma — ex-prefeito de Caracas exilado em Madri e coordenador do Conselho Político Internacional da líder opositora María Corina Machado — chamou o texto de “lei infame de uma ditadura”. “Esse tipo de dispositivo é totalmente ilegal e contrário ao estabelecido na Constituição venezuelana. Trata-se de um elo a mais na cadeia de perseguição, com a qual o regime de Nicolás Maduro pretende encerrar os venezuelanos. Foi contra isso que o povo votou, em 28 de julho passado”, disse ao **Correio**. “Essas ameaças não deterão o nosso avanço e, muito menos,

Federico Parra/AFP



impedirão que nosso presidente eleito, Edmundo González Urrutia, assuma a Presidência da Venezuela para cumprir o mandato popular recebido em 28 de

julho”, acrescentou o opositor. Professor de ciência política da Universidad Central de Venezuela (UCV), Jose Vicente Carrasquero Aumaitre considera a nova

Deputados da Assembleia Nacional durante sessão: medida também estipula inelegibilidade de até 60 anos a líderes da oposição

lei “um exemplo claro de como um regime autoritário utiliza ferramentas legais para consolidar o seu poder e silenciar a oposição”. “Esta lei deve ser analisada no contexto de uma estratégia mais ampla do regime de Maduro para reprimir qualquer tipo de dissidência e permanecer no poder. Ao criminalizar o apoio às sanções internacionais, o objetivo é criminalizar não apenas os atores políticos da oposição, mas também aqueles que, a partir do exterior, trabalharam para tornar visíveis as violações dos direitos humanos e pressionar para uma

transição democrática no país”, afirmou ao **Correio**.

De acordo com Aumaitre, sob a perspectiva política, a aprovação da legislação tem várias implicações preocupantes. “Ela limita gravemente a liberdade de expressão e elimina o pluralismo político — pilares fundamentais de qualquer democracia. A imposição de inabilitações políticas por até 60 anos a dirigentes políticos mina a possibilidade de alternância de poder, consolidando ainda mais o caráter autoritário do regime”, advertiu. “Fica evidente que a lei não atende aos interesses do povo venezuelano, mas aos do regime. Em vez de promover o diálogo ou uma solução negociada para a crise, aumenta a polarização e fecha ainda mais os espaços para uma transição democrática.” (Rodrigo Craveiro)